

Dora Kramer*

STF virou brinquedo dos Poderes

O Supremo Tribunal Federal é um lugar sério demais para se brincar de diversidade. Ali, o jogo tampouco permite que o dono da banca se dê ao dever de observar preceitos relativos às profundidades do saber jurídico.

Tudo indica serem essas as ideias que motivam o presidente Luiz Inácio da Silva (PT) na escolha de suas indicações ao STF.

O critério é abertamente o da fidelidade pessoal. Assim como foi com Jair Bolsonaro (PL) e talvez como venha ser adiante, os presidentes da República assumindo opção preferencial por nomear advogados de defesa para o corte supremo.

As garantias da Constituição não lhes bastam nem interessam. Importa o compromisso de cada um com as conveniências do governante, que, mesmo quando fora do poder, terá um juiz supremo para chamar de seu pelo maior tempo possível. Daí os indicados serem cada vez mais jovens. Nunca se sabe o que reservam os dias de amanhã.

A independência e o prestígio do Supremo Tribunal Federal não entram na conta. Indiferença compartilhada por

alguns juízes da corte, que entram no embate manifestando suas preferências como se a eles coubesse tal julgamento.

A prerrogativa da indicação é do Executivo e a análise, em tese de competência, tarefa do Senado. Os representantes desses Poderes, contudo, não cumprem a contento suas missões. O presidente escolhe sob a ótica da subordinação e os senadores coreografam o gesto da submissão aos julgadores por foro especial.

Em alguns casos, como ocorreu na nomeação de André Mendonça e como agora com Jorge Messias, parlamen-

tares dão-se ao desprante de fazer do Supremo brinquedo na rinha política.

Tais distorções fazem do Legislativo um mero carimbador no lugar de examinador de tudo das regras constitucionais de conduta ilibada e notório saber jurídico.

A visão de que a vontade do mandatário está acima da lei reveste o potencial de recusa em ofensa pessoal e evidência de fragilidade do chefe da nação. Ao que se pode chamar de má-formação institucional.

***Jornalista e comentarista de política**

Paulo César de Oliveira*

Um Congresso que não anda

Menos de quarenta anos atrás o Congresso Nacional, depois de um ano de debates e acordos, deu ao país uma nova Constituição. Debates políticos sérios, envolvendo lideranças de posições políticas bem definidas, como Ulisses Guimarães, Itamar Franco, Bonifácio Andrade e Lula, entre outras.

Hoje temos um Congresso incapaz de debater com seriedade, sem radicalismos infundados, uma lei para tentar conter a violência que grassa país afora, assustando a população. Temos um Congresso- Câmara e Senado- incapaz de dia-

logar, buscar consenso disque atendam o real interesse da população que foi quem elegeu seus membros.

Deputados e senadores se engalfinham na discussão de temas de interesse pessoal ou de seu grupo sem conseguir avançar nos assuntos que realmente interessam ao país. Apresentam-se como grupos de direita e esquerda sem explicarem o que isto significa pois, claramente, não têm conteúdo político e se limitam ao debate ou engavetamento daquilo que interessa a seus grupos. E isto, não tenham dúvidas vai-se agravar.

A prisão do ex-presidente Bolsonaro certamente vai agravar este quadro. Seus seguidores ou agregados, como queiram, prometem parar as atividades legislativas para tentar recolocar em pauta o debate sobre a anistia, nem que isto prejudique a elaboração do orçamento do ano que vem, o que travará as ações do governo em um ano eleitoral.

É bom lembrar que antes mesmo do “fato Bolsonaro”, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, revoltado por não ter conseguido fazer de seu amigo Rodrigo Pacheco ministro do STF, já tinha

anunciado que colocará em pauta um projeto de revisão da aposentadoria de agentes de saúde, com grande impacto financeiro para a União.

O projeto estava parado e retomar sua discussão foi a forma encontrada por Alcolumbre para se vingar do Governo. É assim, priorizando interesses pessoais e de grupo que, infelizmente, age no Congresso de hoje. Questões menores se sobrepondo aos interesses da população que, infelizmente, tem sua culpa ao fazer suas escolhas.

***Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil**

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Morrem Jimmy Cliff e Ione Borges. Prisão de Jair Bolsonaro é mantida.

1-LEND DO REGGAE, JIMMY CLIFF MORRE AOS 81 ANOS. Por Mark Savage. Jimmy Cliff, um dos mais famosos e amados expoentes da música reggae, faleceu aos 81 anos, segundo divulgou sua família segunda-feira (24/11). Astro desde a década de 1960, ele ajudou a levar o som da Jamaica para um público global através de sucessos como Wonderful World, Beautiful People e You Can Get It If You Really Want. Fez sucesso também com o cover de Johnny Nash I Can See Clearly Now. No Brasil, estourou ainda com os sucessos Reggae Night e Rebel In Me nos anos 1980. Sua atuação como um rebelde armado no drama policial de 1972 Balada Sangrenta é um marco do cinema jamaicano e foi considerado o filme que levou o reggae para os Estados Unidos. A esposa de Cliff, Latifa Chambers, anunciou sua morte por meio de um comunicado no Instagram. “É com profunda tristeza que compartilho a notícia de que meu marido, Jimmy Cliff, faleceu devido a uma convulsão seguida de pneumonia”, escreveu ela. “Sou

grata à sua família, amigos, colegas artistas e colegas de trabalho que compartilharam sua jornada com ele. A todos os seus fãs ao redor do mundo, saibam que o apoio de vocês foi a força dele durante toda a sua carreira.” “Jimmy, meu querido, que você descanse em paz. Seguirei seus desejos.” A mensagem também foi assinada por seus filhos, Lilty e Aken. Nascido com o nome de James Chambers em 1944, Cliff cresceu em extrema pobreza em St. James, na Jamaica, sendo o oitavo de nove filhos (...) BBC NEWS BRASIL

2-A MORTE DE IONE BORGES. Morre, aos 73 anos, a apresentadora de TV Ione Borges. Quem era Ione Borges, apresentadora de programas femininos que morreu em SP aos 73 anos. Nascida em 1951, na capital paulista, ela começou a carreira como modelo nos anos 60, antes de migrar para a TV, onde fez longa carreira. Ione Borges ficou muitos anos à frente do “Mulheres”, da TV Gazeta. O pontapé inicial da vida profissional foi como modelo e garota-propaganda, mas

ela também atuou em novelas e filmes nos anos 1970. Ione Borges ficou famosa por comandar programas femininos, especialmente o “Mulheres”, da TV Gazeta, onde formou dupla histórica com a amiga Claudete Troiano. As duas eram conhecidas como as “Parceirinhas”. Ela estreou como apresentadora na TV Gazeta em 1972, inicialmente, em quadros de moda. A emissora divulgou um comunicado lamentando a morte de Ione Borges, a quem chamou de “ícone da televisão brasileira e rosto inconfundível da TV Gazeta por décadas”. (GLOBO.COM)

3-PRISÃO DE JAIR BOLSONARO É MANTIDA. Por unanimidade, 1ª Turma do STF mantém prisão preventiva de Jair Bolsonaro. Ex-presidente foi condenado por tentativa de golpe de Estado. Por Felipe Pontes. Por unanimidade, os quatro ministros da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) votaram por manter a prisão preventiva do ex-presidente Jair Bolsonaro. Ele está encarcerado

em uma sala da Polícia Federal (PF), em Brasília, desde sábado (22). O julgamento começou às 8h desta segunda-feira (24) em sessão virtual extraordinária. A última a votar foi a ministra Cármen Lúcia, que não apresentou voto escrito e seguiu na íntegra o relator, ministro Alexandre de Moraes. Bolsonaro foi preso na manhã de sábado (22) a mando de Moraes, após ter tentado violar sua tornozzeira eletrônica com um ferro de solda. Em audiência de custódia, o ex-presidente confessou o ato e alegou “paranoia” causada por medicamentos. Moraes disse ter decretado a prisão preventiva para “garantir a aplicação da lei penal”. “Ecossistema criminoso” - No voto, como esperado, Moraes se ateve apenas a reproduzir a própria decisão (...) AGÊNCIA BRASIL

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

O poder da SAF nos grandes clubes

A transformação de grandes clubes de futebol em Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) é um fenômeno crescente que está remodelando a paisagem do esporte mais popular do mundo. Embora o modelo suscite debates apaixonados, focar-se apenas na perda da “identidade associativa” ignora os benefícios estruturais e financeiros monumentais que a profissionalização da gestão traz para estas potências esportivas. Longe de ser apenas uma tendência, a SAF é a resposta necessária aos desafios da modernidade, prometendo um futuro mais estável e vitorioso.

Um dos pontos mais cruciais é a saúde financeira. A maioria dos grandes clubes históricos acumula dívidas astronômicas, resultado de gestões amadoras, políticas e focadas em mandatos curtos.

A SAF, ao injetar capital privado significativo, oferece o resgate imediato, permitindo a quitação de passivos e, o mais importante, a reestruturação das finanças. Esse saneamento permite que o clube saia do ciclo vicioso de vender seus melhores ativos para cobrir o “buraco” e comece a planejar a longo prazo.

A injeção de capital não se limita a cobrir dívidas; ela é o motor para a modernização da infraestrutura. Investidores sérios veem o clube como um negócio global. Isso significa construir ou reformar estádios para se tornarem arenas multiuso lucrativas, investir em centros de treinamento de ponta e modernizar departamentos, como o de análise de dados e scouting. Essa infraestrutura de primeira linha é fundamental para atrair e reter talentos, tanto no campo quanto na gestão.

Além disso, a SAF impõe uma governança e gestão estritamente profissionais. A estrutura corporativa exige compliance, transparência e a contratação de executivos com experiência no mercado esportivo global, e não mais dirigentes eleitos com base em popularidade política.

Essa profissionalização leva a decisões mais racionais, estratégicas e menos emocionais, otimizando todas as fontes de receita: direitos de transmissão, patrocínios, matchday e venda de jogadores. A profissionalização não apenas maximiza os lucros, mas também minimiza a exposição a escândalos e má gestão.

A luta contra o crime continua no Rio

A recém-lançada Operação Barricada Zero no Rio de Janeiro representa um movimento corajoso e necessário do poder público contra o domínio territorial imposto pelo crime organizado. As primeiras ações, coordenadas em diversas comunidades da Região Metropolitana (como Cidade de Deus, São Gonçalo e Baixada Fluminense), com a remoção de mais de 200 toneladas de entulho e estruturas de concreto no dia inicial, são um forte sinal do Estado de que o direito de ir e vir da população não será mais negociável.

O bloqueio de vias por barricadas não é apenas um problema de logística; é a manifestação física de um poder paralelo que restringe a vida de milhares de moradores, impede a entrada de serviços essenciais (como ambulâncias e correios) e serve como marco de exploração de territórios. Neste sentido, a iniciativa é louvável por reconhecer a gravidade do problema e empregar

inteligência e engenharia, com uso de retroescavadeiras e rompedores, para enfrentar as “obras de engenharia” do crime.

A Operação Barricada Zero acerta ao integrar diversos órgãos do governo e ao prometer ações diárias. No entanto, para que esta não seja mais uma ofensiva midiática de efeito passageiro, é crucial que a força policial seja seguida de políticas públicas permanentes que resgatem o território e a cidadania dos moradores. O sucesso real não será medido pelo peso das toneladas de entulho removidas, mas sim pela liberdade duradoura do cidadão em transitar em sua própria rua.

Sem a ocupação social e o restabelecimento da infraestrutura urbana (iluminação, poda, limpeza) de forma contínua, o vácuo deixado pela polícia tende a ser preenchido rapidamente pelo crime, transformando a ação em um ciclo de “remoção-reinstalação” custoso e ineficaz a longo prazo.

Opinião do leitor

Açodados

Dependendo da empolgação de analistas e narradores da Globo o técnico Carlos Ancelotti já deveria renovar contrato com a CBF. Ô, raça. O sujeito ainda não ganhou nada e o açodamento e deslumbramento já começou. Ancelotti precisa ganhar o sonhado hexa. Caso contrário, a meu ver, não precisa nem voltar da atual excursão.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: BRASIL BUSCA REATAR RELAÇÕES ENTRE URUGUAI E PERU

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de novembro de 1930 foram: Brasil consegue boas conversas com representantes de Uruguai e Peru, para reatar as relações diplomáticas entre os dois países. Irineu Joffely é o novo interventor federal no Rio Grande do Norte.

HÁ 75 ANOS: TROPAS DA ONU SOFREM DERROTA NA MANCHÚRIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de novembro de 1950 foram: Chineses fazem contra-ataque e conseguem afas-

tar tropas da ONU na fronteira da Manchúria. Novo caso de perseguição religiosa na Tchacoslováquia chega a ONU. Derrota na Assem-

bleia Nacional quase provoca demissão da equipe ministerial francesa, que foi recusada pelo presidente Auriol.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ives Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhpress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.